

**RECORTE** – revista eletrônica  
ISSN 1807-8591

Mestrado em Letras: Linguagem, Cultura e Discurso / UNINCOR  
V. 6 - N.º 2 (julho-dezembro /2009)

---

## PISTAS PROSÓDICAS NA TOMADA DE TURNO DO GÊNERO COLETIVA DE IMPRENSA

Patrícia Ribeiro do Valle Coutinho (UFJF)  
Luiz Fernando Matos Rocha (UFJF)

**ABSTRACT:** The main objective of this paper is to describe the anterior pitch to turn-taking in the genre press conference. We will observe how the prosodic movement signalizes the understanding and the management of speaking turn. In our analyses based on natural situations of interaction, we will transcribe the acoustic parameters.

Na Linguística contemporânea, o termo prosódia mantém-se fiel à parte da Fonética/Fonologia que se ocupa de elementos como altura melódica, volume e duração (MORAES, 1998, 2). Segundo Hirst & Di Cristo (1998, 7), prosódia, tal como o termo supra-segmental, consiste em um sistema não-lexical, no qual características fonéticas específicas são relacionadas a parâmetros prosódicos acústicos. Em resumo, adotaremos a definição de Prosódia como um conjunto de parâmetros acústicos, a saber, a altura melódica (pitch), a intensidade e a duração.

Pistas prosódicas são fundamentais para o processo interacional de produção e interpretação da fala. Dentre os parâmetros acústicos de que se ocupam os estudos em Prosódia, a frequência fundamental – e seu correlato pitch – é universalmente reconhecida como primeiro parâmetro.

O objetivo geral do presente trabalho é descrever a altura melódica anterior à tomada de turno no gênero coletiva de imprensa, evento em que jornalistas disputam espaço e reivindicam o turno de fala para entrevistar a fonte da informação. Buscaremos, especificamente, observar o movimento da altura melódica no momento em que o entrevistado intuitivamente autoriza a inserção da pergunta, ou seja, o momento a partir do qual rapidamente se inicia o turno do outro falante, no caso, o entrevistador. Assim, investigaremos como e quando o jornalista percebe que pode lançar uma questão. Além disso, temos o propósito de averiguar se é confirmada a hipótese de que enunciados com um pitch baixo oferecem um lugar de transição para o turno de um outro falante. Tal hipótese pode ser encontrada em Wennerstrom (2001, 4).

Para responder a essas questões, utilizaremos o programa PRAAT, desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink (Universidade de Amsterdã). Na transcrição das medidas dos parâmetros acústicos, recorreremos ao sistema INTSINT (International Transcription System for Intonation), proposto por Hisrt & Di Cristo (1998). É importante salientar que o trabalho lida com dados reais, em situações naturais de interação. A seguir, apresentaremos o embasamento teórico a partir do qual desenvolvemos o artigo.

### **Elementos prosódicos**

A prosódia contribui fortemente para a produção do sentido, e certamente ouvintes prestam muita atenção nas pistas entoacionais durante o processo de percepção e entendimento da língua falada. É importante destacar que tem havido um aumento da consciência da importância em se estudar prosódia não somente entre linguistas, mas também para engenheiros da fala que trabalham em aplicações tecnológicas tais como sínteses de fala automática e reconhecimento da fala por máquinas (HIRST; DI CRISTO, 1998).

Os elementos considerados comuns entre música e fala são:

- **altura melódica (*pitch*):** variação do tom (mais agudo ou mais grave). Tem como correlato acústico a frequência fundamental da onda sonora, isto é, o número de vezes que um ciclo completo de vibrações das partículas se repete durante um segundo. Quanto maior o número de ciclos de vibrações das partículas, mais ‘alto’ é o pitch (MATEUS, 2004, p. 6), e mais agudo é o som. De um ponto de vista articulatorio, quanto mais delgadas as cordas vocais, maior número de vibrações.

- **volume sonoro:** forte ou fraco associa-se ao parâmetro físico da intensidade acústica, com dimensão vertical. Decorre da amplitude da onda sonora (distância entre a pressão zero e a pressão máxima da onda). Relaciona-se à energia transportada pelas partículas e, conseqüentemente, à sensação auditiva do som.

- **duração:** com dimensão horizontal, diz respeito ao tempo de articulação de um som, o que varia conforme a velocidade da elocução e influencia o ritmo de cada língua (MATEUS, 2004, p. 6).

Há ainda outros fenômenos prosódicos, bem como propriedades da dinâmica da voz que são pertinentes ao tema da prosódia, mas que neste momento não serão descritos.

### **Tomada de turnos**

Uma importante propriedade da interação verbal é o fato de a comunicação ser organizada sequencialmente. Participantes da interação alternam a fala de modo a evitar conversa simultânea (sobreposição) e silêncio (DURANTI, 1997, 248). Os estudiosos da Análise da Conversa buscam entender como os falantes negociam o começo e o término da fala.

Falar um de cada vez pode ser caracterizada como a regra básica da conversa, contudo, essa regra é, muitas vezes, violada: “Tudo indica que a tomada de turno não se dá caoticamente, mas obedece a um mecanismo, que se explicita em algumas técnicas e regras” (MARCUSCHI, 1998, 20). Sacks, Shegloff e Jefferson (1974) *apud* Marcuschi (1998) postulam as seguintes técnicas desse mecanismo:

Técnica I – O falante corrente escolhe o próximo falante, e este toma a palavra iniciando o próximo turno;

Técnica II – O falante corrente pára e o próximo falante obtém o turno pela auto-escolha.

As duas regras básicas para a operação dessas técnicas são:

Regra 1 – Para cada turno, a primeira troca de falante pode ocorrer se:

(1a): o falante corrente, C, escolhe o próximo falante, P, pela Técnica I;

(1b): o falante corrente, C, não usa a Técnica I de escolher o próximo, P, então qualquer participante da conversa pode – mas não necessariamente – auto-escolher-se como o próximo pela Técnica II;

(1c): o falante corrente, C, não escolhe o próximo, P, e nenhum outro falante se auto-escolhe, então o falante corrente, C, pode (mas não obrigatoriamente) prosseguir falando.

Regra 2 - Se no primeiro lugar relevante para a troca de turno não ocorre nem (1a) nem (1b) e se dá (1c), em que o falante corrente, C, prossegue, então as Regras (1a), (1b) e (1c) reaplicam-se no próximo primeiro lugar relevante para a transição, e, se esta não ocorrer, assim se procederá, recursivamente, até que se opere a transição. (MARCUSCHI, 1998, 20-21)

Macfarlane & Wells (1998, 265) postulam que, para uma tomada de turno ser considerada como competitiva, ela deve apresentar pitch e volume altos. Além disso, tomadas de turno podem ocorrer antes do LRT (lugar relevante de transição), entre

hesitações. Ainda sobre a detenção do turno, é tida como característica da “passagem de turno consentida” o final da frase declarativa que algumas vezes vem acompanhado de pausas conclusas (FARNEDA, 2007, 6).

Uma pista para um falante antecipar a completude do turno do outro é dada através do ritmo alinhado das sílabas (WENNERSTROM, 2001, 4). De acordo com a autora, quem utiliza dados de situações reais de fala como conversas informais entre amigos, enunciados que apresentam no final um pitch baixo, seguido por uma pausa, oferece um possível lugar de transição para o turno de um novo falante. Estando os falantes conscientes ou não, esses e outros sinais prosódicos são características da linguagem e desempenham papéis na comunicação.

Hesitação, repetição de palavras e quebra na fluência, ou seja, algum obstáculo encontrado pelo falante no curso da interação, podem ser considerados princípios para a tomada de turno do outro falante, uma vez que, quando um titubeia, o outro falante pode se auto-selecionar para falar. Quando a tomada do turno não se dá em um LRT, o processo é caracterizado por Levinson *apud* MacFarlane & Wells (1998, 267) como “interrupções violativas”. Nesse tipo de sobreposição, o falante tende a aumentar a voz e a duração das vogais para ganhar o piso conversacional. E o segundo falante inicia um turno de fala enquanto o outro ainda está falando (MACFARLANE & WELLS, 1998, 267).

Nossa análise recai sobre as unidades entoacionais finais dos trechos selecionados. Segundo Chafe (1994) *apud* Wennerstrom (2001, 29), o tamanho da frase entonacional é aquele ocupado na memória, que permite ao ouvinte processar cada unidade como um todo. A unidade entoacional, pois, relaciona-se à unidade informacional da fala.

### **Coletiva de imprensa**

A coletiva de imprensa é um evento em que jornalistas disputam espaço e reivindicam o turno de fala para entrevistar a fonte da informação. Em encontros como esse, por conta da intensificação do embate pela palavra, os profissionais de imprensa acentuam suas habilidades de percepção prosódica para tentar a tomada de turno e conseguir dirigir perguntas aos entrevistados. Os turnos de fala se alternam entre

entrevistado e jornalistas, sendo que a cada término de resposta novas questões são lançadas. A tendência, então, é a de o jornalista se auto-selecionar para lançar questões ao entrevistado.

A coletiva de imprensa estudada no presente trabalho se refere a uma entrevista (agendada e com local pré-definido) concedida por representantes da Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC) a respeito do acidente ocorrido com o voo 1907, da Gol, em 29 de setembro de 2006. Os trechos selecionados são respostas do entrevistado Brigadeiro Leite, representante do Comando da Aeronáutica. Tal entrevista pode ser acessada pelo site *You Tube*, onde vários vídeos são veiculados mundialmente. Ao longo da exposição dos dados, serão comentados os tópicos específicos desenvolvidos pelos falantes na coletiva. Consideramos que tais tópicos podem ser relevantes na atuação prosódica da fala, e mais precisamente na análise das tomadas de turno. Destacamos, entretanto, que o nosso foco é descrever o movimento da altura melódica nos momentos selecionados.

### **Tratamento dos dados**

Na busca por dados empíricos, selecionamos cinco momentos da fala do entrevistado que ocorrem antes da pergunta dos entrevistadores. Realizamos um estudo de cunho qualitativo e interpretativo, lançando mão, para a transcrição da altura melódica, do Sistema INTSINT (International Transcription System for Intonation), elaborado por Hirst & Di Cristo (1998). Além disso, o tratamento dos dados foi viabilizado pelo programa computacional PRAAT, desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink (Universidade de Amsterdã).

A análise dos resultados parte das seguintes etapas:

- i) Identificação dos momentos de transição de turno na entrevista;
- ii) Submissão dos dados selecionados ao tratamento acústico, a fim de investigar a medição dos parâmetros da frequência fundamental, através do PRAAT;
- iii) Checagem, segundo o gráfico oferecido pelo programa PRAAT, de pitch baixos quando se encerra o turno do entrevistado;

- iv) Checagem se há sobreposições nas falas do entrevistado e entrevistador;
- v) Análise da correlação do pitch e da tomada de turno;
- vi) Sistematização e tratamento dos dados.

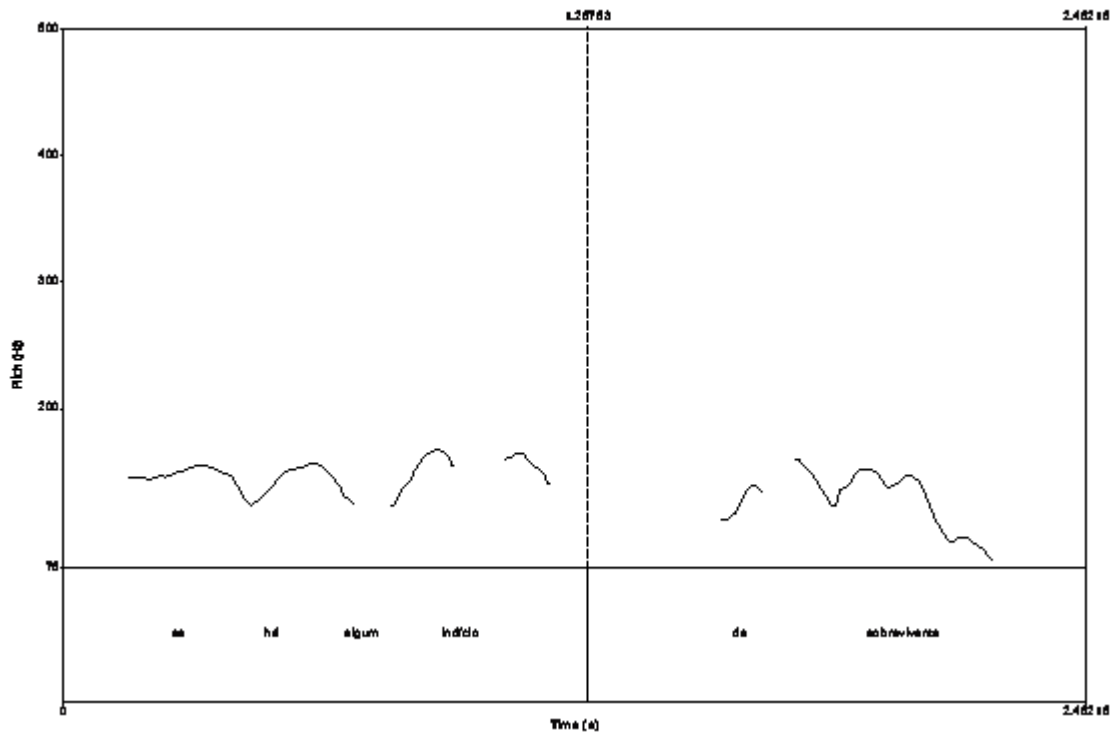
Os símbolos utilizados para a descrição do pitch - conforme o INTSINT - são os seguintes:

↑	Alto
↓	Baixo
→	Mesmo
>	Leve descida
<	Leve subida
↑↑	Top (pitch mais alto)
↓↓	Down (pitch mais baixo)
[ ]	Limites das Unidades Entoacionais

## **Resultados**

Passaremos agora a expor os gráficos construídos a partir do tratamento dos dados viabilizado pelo PRAAT. Em seguida, a altura melódica da unidade entoacional final será transcrita conforme o INTSINT.

**Figura1**



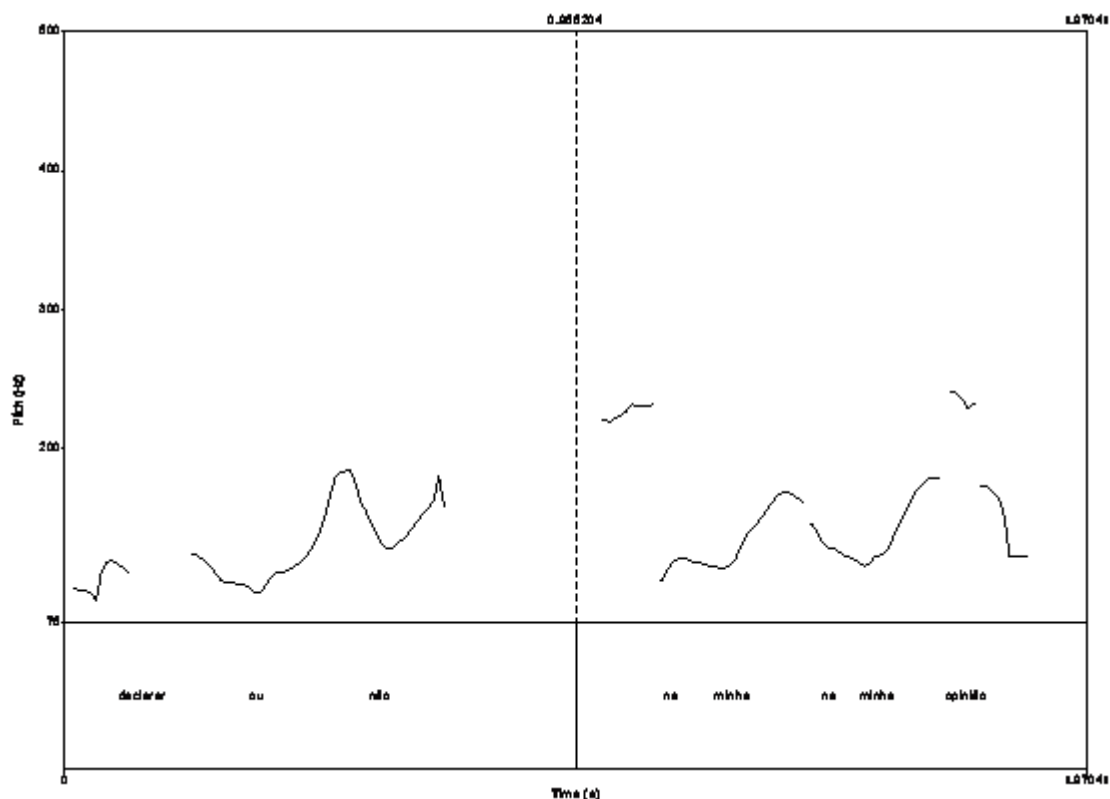
se há algum indício de sobrevivente



↑ [ → ↓ < → ↓ > < ↓ < → < ↓ < → > < ↓ < ]

Neste momento da entrevista, o brigadeiro “conclui” sua resposta acerca da possibilidade de existirem sobreviventes ao acidente aéreo. A fala completa é: “para que possamos identificar se há algum indício de sobrevivente”. Os jornalistas, por sua vez, logo após, retomam o turno, e uma nova pergunta é feita. Com relação ao movimento do pitch, pode-se perceber uma descida ao final da fala do entrevistado. No momento da tomada de turno, a ocorrência é de pitch mais baixo, corroborando a hipótese posta em discussão. As pistas prosódicas possibilitaram aos jornalistas a tomada de turno sem que houvesse sobreposição de vozes, ou seja, sem movimentos de pitch altos, caracterizados da fala competitiva.

Figura 2



declarar ou não na minha na minha opinião



[><> → <↑> → ↓ → ↑ ↓ ↑ → ↓ → ]

---

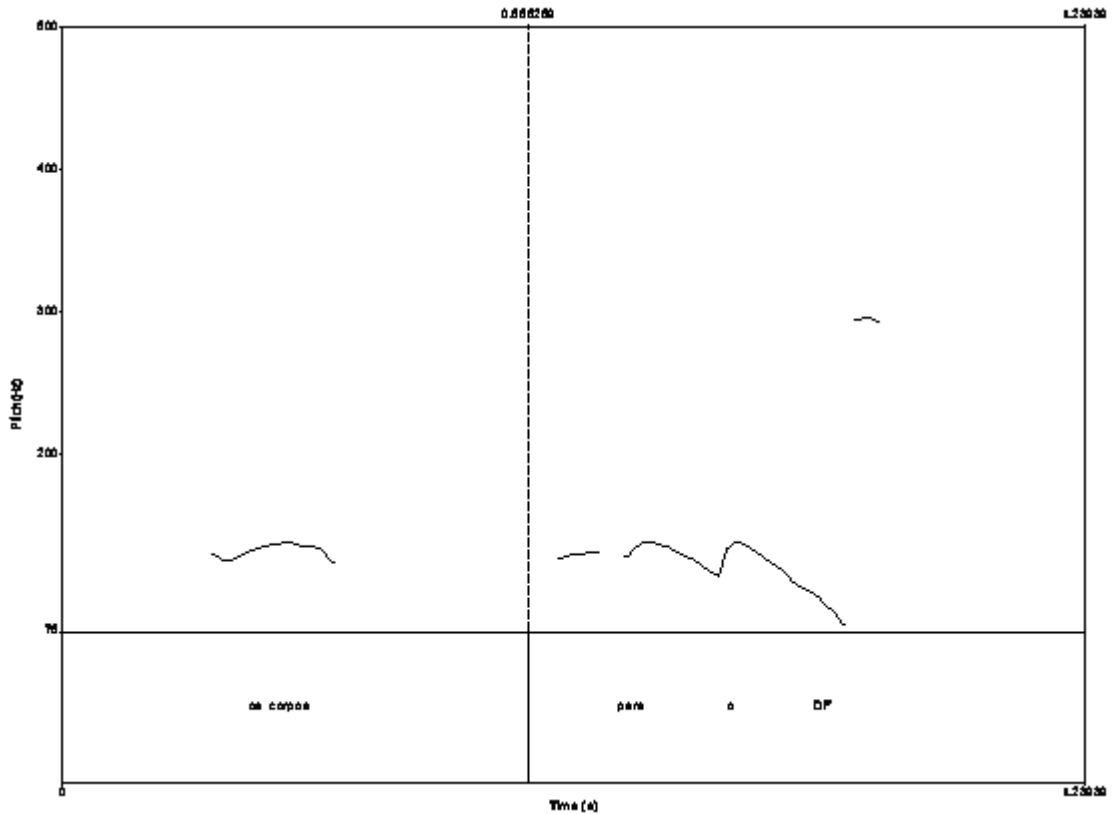
A fala acima responde à pergunta sobre o porquê de o presidente da república Lula decretar luto oficial. O falante encerra sua resposta da seguinte maneira: “Eu acho que é é da é da sua é da sua competência declarar ou não na minha na minha opinião”. Notamos que há momentos em que o pitch se eleva. Tais momentos coincidem com a repetição de palavras. Contudo, no momento em que a fala se encerra e dá lugar à tomada do turno pelos jornalistas, o pitch cai. Consideramos que a subida do pitch pode estar associada a uma estratégia do entrevistado em manter como seu o turno, em assegurar seu piso conversacional, para conseguir completar a sua resposta e deixar clara a sua posição antes que os jornalistas iniciem a disputa pelo lance de uma próxima pergunta.





Nesse trecho da entrevista, o Brigadeiro Leite responde a outra questão sobre a possibilidade de haver sobreviventes: “então nós levamos três horas para localizar os destroços em função do que foi acompanhado pelos radares”. O momento que abre o caminho para o interrogatório dos jornalistas revela uma descida do pitch. Percebemos, por outro lado, movimentos durante a fala que indicam subidas do pitch. Acreditamos, mais uma vez, que o embate pela palavra e pelos esclarecimentos concernentes a um assunto delicado tenha relação com as subidas do pitch como uma garantia da vez de falar, antes que outra questão seja lançada.

**Figura 4**



os corpos para o DF

↓ \_\_\_\_\_

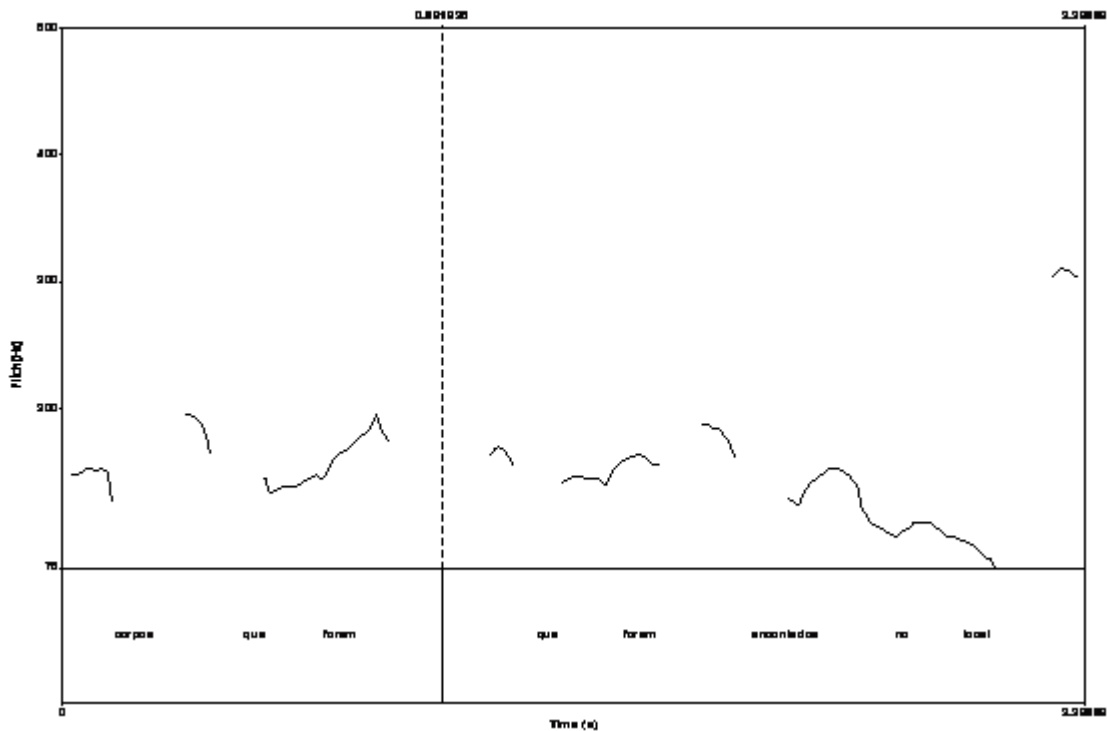
↑ [ → > → < ↓↑ ]

\_\_\_\_\_

Acima está a conclusão da resposta do entrevistado à pergunta de um dos jornalistas que indagava se o representante do Comando da Aeronáutica já teria o

número de corpos encontrados no local do acidente. Ele finaliza: “para que nós possamos trazer os corpos para o DF”. O movimento do pitch nessa fala pode ser tomado como predominantemente baixo, havendo um certo alinhamento da altura da voz, e, ao encerrar o turno, uma descida do pitch. Julgamos esse exemplo como confirmador da hipótese em discussão, desconsiderando o traço alto do pitch após a descida final. Acreditamos que se trata de um som isolado da fala do brigadeiro, podendo ser algum tipo de ruído ou interferência.

**Figura 5**



corpos que foram que forem encontrados no local



↑ [ → ↓ ↑ → ↑ ↓ → ↓ → < → > ↑ ↓ ↓ > < ↓ ]

Novamente, considerando o caso acima, o assunto tratado na fala do entrevistado é acerca da possibilidade de haver sobreviventes no local da queda do avião. A fala do Brigadeiro é a seguinte: “vai ser em função do da quantidade de corpos que foram que forem encontrados no local”. Existe um predomínio de um pitch baixo, ocorrendo

somente leves subidas do pitch. Esse é um trecho em que ocorre sobreposição de vozes. Nas últimas palavras do entrevistado, notamos vozes dos jornalistas chamando o Brigadeiro, as quais se sobrepuseram ao encerramento do turno. Como no segundo exemplo, o falante vacila em sua resposta no seguinte trecho: “que foram que forem”. Destacamos que esse tipo de correção que o entrevistado faz, de alguma forma, abre uma possibilidade para que os jornalistas tentem iniciar um novo turno. Trata-se de uma autocorreção auto-iniciada, como classifica Shegloff, Jefferson e Sacks (1997) *apud* Marcuschi (1998, 29), feita pelo próprio falante logo após a falha. Essa correção se dá no mesmo turno em que ocorre a falha. Em resumo, a ocorrência de contornos de pitch mais altos nestes exemplos dificulta a tomada de turno por parte dos entrevistadores.

### **Considerações finais**

A tomada de turno entre falantes em uma coletiva de imprensa depende, pelo menos em parte, da prosódia. Os resultados alcançados podem ser considerados colaborativos com a hipótese de que enunciados que apresentam um *pitch* baixo oferecem um lugar de transição para o turno de um outro falante (WENNERSTROM, 2001, 4). Embora tenhamos visto que o lugar de transição pode apresentar diferentes *designs* prosódicos na estruturação discursiva das respostas do entrevistado, com algumas elevações do pitch, podemos constatar que, ao final das unidades entoacionais, o movimento encontrado do pitch é de descida, configurando, prosodicamente, o LRT. Não descartamos, porém, que outros fatores, além dos entoacionais, podem levar os jornalistas a lançar uma questão.

O pitch alto presente na fala do entrevistado vai ao encontro da questão da disputa pela palavra, incluindo a necessidade de o entrevistado completar sua fala, e de o jornalista lançar uma pergunta de grande interesse. Percebemos que hesitações por parte do entrevistado repercutem na inserção de vozes dos jornalistas, inclusive nas sobreposições notadas. As subidas do pitch, assim sendo, indicam a estratégia do entrevistado de garantir e completar o seu turno. Reiteramos, por fim, que a prosódia é essencial para a organização de tomada e manutenção de turnos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DURANTI, A. Conversational exchanges. In: *Linguistic anthropology*. Cambridge University Press, 1997.
- FARNEDA, E. S. *Perguntas e respostas na entrevista radiofônica*. São Paulo: Revista Letra Magna, 1º semestre de 2007. Disponível em: <http://www.letramagna.com/entrevistaradio.pdf> Acesso em: 12 jul.2008.
- HIRST, D.; DI CRISTO, A. A survey of intonation systems. In: ———. (Ed.) *Intonation systems: a survey of twenty languages*. Cambridge University Press, 1998. p. 1-44.
- MACFARLANE, S & WELLS, B. *Prosody as an Interactional Resource: Turn-projection and Overlap*. 1998. p. 265-294.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. 4. ed. São Paulo: Editora ática, 1998.
- MATEUS, M. H. M. *Estudando a melodia da fala: traços prosódicos e constituintes prosódicos*. Setúbal: Encontro sobre O ensino das línguas e a Lingüística, 2004. Disponível em: <http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2004-mhmateus-prosodia.pdf> Acesso em: 26 jul. 2008.
- MORAES, J. A. *Os fenômenos supra-segmentais no português do Brasil*. Tese (Doutorado em Letras). PUC-RS, 19-23 outubro 1998, p. 1-29; 30-55.
- WENNERSTROM, A. *The music of everyday speech*. New York: Oxford University Press. 2001.